

# A solidão do herói

Maria Beatriz Furtado Rahde<sup>S</sup>

O jovem cineasta M. Night Shyamalan, diretor do filme *Corpo fechado* (Unbreakable, 2000), parece ter procurado novos significados para uma reinterpretação do herói apresentado na trama que se desenrola no seu roteiro cinematográfico. Ele envolve o filme numa atmosfera sombria, de ritmo lento, para contar sua história profundamente inserida no contexto da pós-modernidade que estamos vivenciando.

Se observarmos com cuidado, *Corpo fechado* não deixa de ser uma história em quadrinhos pós-moderna em que o herói nega sua invulnerabilidade, mergulhado numa profunda e angustiada solidão, ao contrário do herói da modernidade que, mesmo só, utilizava seus poderes com naturalidade, imbuído de sua missão inquestionável.

Desde a Antigüidade Clássica à era moderna, dos heróis da mitologia grega ao surgimento do primeiro grande herói quadrinizado, Tarzan (1929), representado nas belas imagens de Hal Foster, os personagens heróicos das histórias em quadrinhos assumiram o papel que lhes era destinado, isto é, o de protetores e salvadores da humanidade. Nada era mais importante do que combater o mal e, nestes combates, no final, vencia sempre o bem, representado pelos heróis modernos, como o já citado Tarzan, Flash Gordon (1934), Príncipe Valente (1936), entre tantos da Idade de Ouro dos quadrinhos, de 1929 a 1939, culminando com o primeiro super-herói, Superman (1938). Era assim que a justiça e a bondade empenhavam-se em combater as forças do mal, representadas por tantos vilões famosos, como o imperador Ming, do Planeta Mongo, oponente de Flash Gordon, ou Lex Luthor, o grande vilão em Superman, que se constituíram em novos Kronos, procurando “devorar” a humanidade.



O mundo imaginal das histórias em quadrinhos, como refere Michel Maffesoli, conquistou rapidamente o leitor das primeiras tiras diárias, desde o surgimento dos quadrinhos modernos, em 1895, aos dias de hoje. Neste mundo percebemos a preferência de Shyamalan pelos gibis dos anos 60 em diante em *Corpo fechado*, revelando sua inclinação pelos primeiros heróis e vilões da pós-modernidade, que começava a surgir timidamente nos *comic-books* do final dos anos 60, ganhando força nos anos subsequentes.

É preciso lembrar fatos marcantes que deram origem às mudanças ocorridas no universo heróico das histórias em quadrinhos. Primeiramente os heróis do quadrinho da modernidade, que “lutaram” solitários, mas com alegria e bravamente, na II Grande Guerra Mundial – Tarzan destruiu uma base nazista que invadira a África, enquanto Príncipe Submarino e Superman se uniram para aniquilar uma esquadra de submarinos do III Reich, que ameaçava a Baía de Manhattan – perderam sua força entre a mídia na Guerra do Vietnã, quando do fracasso das tropas norte-americanas. Em consequência, a partir dos anos 70, o herói passa a questionar o que anteriormente lhe era natural: - Por que lutar sempre? Qual o sentido da existência de tamanhos poderes? Por que levar uma vida sempre oculta, ao contrário do homem comum?

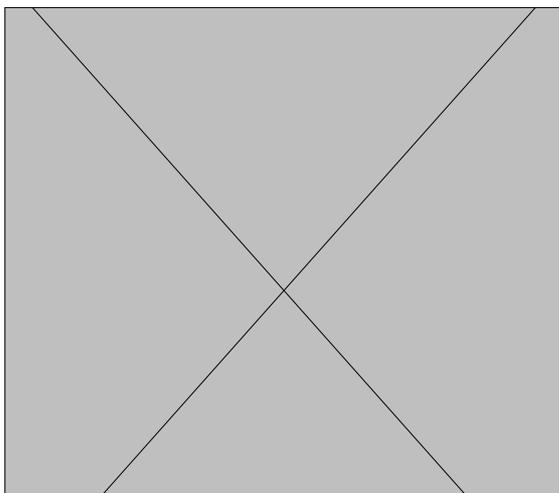
Questões como estas mudaram radicalmente o rumo e o ritmo das histórias em quadrinhos de uma pós-modernidade ainda emergente nestas histórias.

Distanciando-se do naturalismo, as imagens e os textos passaram a mostrar profundas mudanças em que a irrealidade das formas e dos diálogos converteram-se em signos provocativos: Elas se tornaram mais lentas no contexto da diagramação, fragmentadas e sombrias, de um hiper-realismo exagerado na representação imagística do bem e do mal, reforçando as dúvidas e a solidão, agora amargas, do

ser dotado de poderes sobrenaturais.

O herói da modernidade enfrentava o perigo em ritmo acelerado, com fé e disposição de vencer, em histórias seriadas que não possuíam um final definitivo, mas encadeavam-se para novas aventuras e novos desafios. Na pós-modernidade, o herói se tornou amargurado de ter que sempre vencer e/ou provar sua invencibilidade. A transcendência, própria dos personagens dos quadrinhos modernos, cedeu lugar à imanência, à dispersão do personagem heróico pós-moderno. Agora não existe mais a grande história da modernidade, mas, o que Hassan denomina *Petite histoire*, uma das muitas características da pós-modernidade. O diálogo da história em quadrinhos contemporânea é superado pela barroquização da imagem, pelos espelhos, pela desconstrução, refletindo as sensações de dor e medo, que se repetem também no cinema e imprimem um novo ritmo ao filme de Shyamalan. Bruce Willis, que já personificou o herói moderno, na série *Duro de matar* (*Die hard*), vencendo todos os desafios, engenhosa e naturalmente, representa agora, em *Corpo fechado*, o outro lado humano: a solidão, que perpassa o homem contemporâneo, reformulando a imagem do herói, como nos quadrinhos, na incerteza de tudo, apartando-se da mulher, do filho e, principalmente, negando sua estrutura heróica.

O surgimento de Elijah Price (Samuel L. Jackson), colecionador de histórias em quadrinhos, reforça a atmosfera sombria do filme. Lenta e gradativamente, ele vai mostrando ao contraditório David Dunn (Willis) a situação paradoxal vivida por ambos. Enquanto Dunn é invulnerável fisicamente, Price é marcado pela fraqueza do corpo desde o seu nascimento, passando a desenvolver forças psicológicas, às raias da loucura.



Elijah Price é a treva; David Dunn, a luz. O mal versus o bem. Neste momento é de se refletir sobre a imagem explícita da condição humana de Elijah Price. Sua cor negra

revela a escuridão de sua amargura. Não haverá nesta representação imagística o toque de racismo tão evidente no simbolismo iconográfico dos quadrinhos da II Grande Guerra? Por outro ângulo, o desenho que ilustra a notícia, num jornal da Filadélfia, sobre um “herói” salvador de toda uma família atacada por um psicopata, induz o imaginário do observador a desenvolver considerações sobre o objeto imajado, tais como o reconhecimento da imagem evocada, ou sua integração no campo das nossas experiências, como refere Philippe Malrieu. A imagem de Bruce Willis, quase completamente oculta sob uma capa que encobre sua verdadeira identidade, não retrata o herói dos anos 30, como uma nova representação de Superman? Superman, aquele que é vulnerável apenas à kriptonita, representada pela água, em *Corpo fechado*, único elemento que atesta a vulnerabilidade de David Dunn. O resgate do imaginário evoca a ilusão do real no simbólico.

Como nos gibis pós-modernos, em que Batman sua de terror, antes de enfrentar batalhas decisivas, em que Superman, agora, sofre com os problemas existenciais do humano e se queda pensativo, alquebrado por um cansaço impossível à sua estrutura de super-herói, o diretor Shyamalan imprime no personagem de seu filme estes paradoxos de questionamento entre os cânones imagísticos/textuais modernos, e os novos cânones, tanto filosóficos como de representação da forma, que vêm regendo a pós-modernidade. *Corpo fechado*, sem dúvida, constitui-se numa história em quadrinhos filmada, revelando a solidão universal do herói da contemporaneidade, assim como a solidão humana, em que o homem parece ter medo de si próprio, da sua força, das suas qualidades, frente à supremacia da nova era tecnológica.

Na modernidade o ser/herói era o indivíduo, único, solidamente construído; na pós-modernidade, esta unicidade cedeu lugar a deuses desconstruídos. Homens/heróis, anti-heróis, bem e mal em conflito. O imaginário mitológico permanece no seu eterno ciclo.

E ficamos à espera, ansiosos por um novo filme - ou um novo gibi - que nos remeta ao inconfessável desejo de romper o casulo que nos aprisiona para nos tornarmos semelhantes a novos Hércules, Perseus, Aquiles ou Minervas, pelo menos durante algumas horas de projeção.

#### Nota

§ Professora e pesquisadora (CNPq) de Imagem e Pós-Modernidade da FAMECOS-PUCRS.